

**MÚSICA COMO RECURSO DIDÁTICO NA
AULA DE PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS
– ASPECTOS TÉCNICOS**

DENISE BARROS WEISS



**MÚSICA COMO RECURSO DIDÁTICO NA AULA DE PORTUGUÊS
PARA ESTRANGEIROS – ASPECTOS TÉCNICOS**

pag. 2

*MUSIC AS A TEACHING RESOURCE IN PORTUGUESE CLASS
FOR FOREIGNERS – TECHNICAL ASPECTS*Denise Barros Weiss (UFJF)¹

ORCID: 0000-0003-1713-0947

DOI: <https://doi.org/10.59666/fiosdeletras.v1i01.3417>

RESUMO: Este artigo discute alguns aspectos técnicos que devem ser levados em conta quando o professor emprega músicas como material a ser explorado em uma aula de Português como língua estrangeira (PLE). Nele se analisam aspectos da escolha e da apresentação de canções como recurso didático. Observamos que é necessário levar em conta não somente os aspectos culturais que ela pode veicular, e as conseqüentes possibilidades de choque cultural, mas algumas especificidades de composição – melódica e de letra – que interferem na probabilidade de sucesso da atividade didática no contexto de ensino de PLE.

PALAVRAS-CHAVE: Música brasileira; Recurso didático; Português língua estrangeira

ABSTRACT: This paper discusses some technical aspects that must be taken into account when the teacher uses music as material to be explored in a Portuguese as a Foreign Language (PLE) class. It analyzes aspects of the choice and presentation of songs as a teaching resource. We note that it is necessary to take into account not only the cultural aspects that it can convey, and the consequent possibilities of cultural shock, but also some specificities of composition – melodic and lyrical – that interfere with the probability of success of the didactic activity in the context of teaching PLE.

Key words: Brazilian music; Didactic resource; Portuguese as a foreign language.

¹ Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: denise.weiss@ufjf.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1713-0947>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1638503613467825>

Esse artigo foi escrito originalmente a partir dos apontamentos feitos quando da preparação de minha intervenção na mesa redonda “Descrição e ensino de português para estrangeiros: a língua daqui na boca de lá” que ocorreu durante o XIII Fórum de Estudos Linguísticos (XIII FELIN) e Primeiro Congresso Internacional de Língua Portuguesa (I CILP), em setembro de 2017.

Passou-se muito tempo antes de ele ser convertido no material que agora apresento. Não se trata de um texto baseado em pesquisa, mas na minha experiência como professora de português para estrangeiros, atuando em sala de aula em uma universidade pública ao longo de muitos anos.

Pensar a música como recurso para incrementar aulas de língua estrangeira não é nada novo. Esse é, provavelmente, um dos mais antigos recursos empregados como alternativa de material autêntico aos materiais didáticos. A música é útil para ajudar o aluno a memorizar informações, conhecer novas palavras e expressões, treinar a oralidade e até para ele observar algum ponto gramatical. Entretanto esse trabalho requer cuidados para não se tornar um elemento dificultador da tarefa do professor, ao invés de ser uma oportunidade de crescimento para os alunos.

Lems, em artigo sobre o ensino de inglês a falantes adultos, endossa nossas palavras:

A música pode ser usada com turmas de Inglês como segunda língua para criar um ambiente de aprendizagem; para desenvolver as habilidades de compreensão auditiva, de fala, de leitura e de escrita; para aumentar o vocabulário; e para expandir o conhecimento cultural. (tradução nossa)² (LEMS, 2001, sp)

Aparentemente, o trabalho do professor que pretende usar uma música como recurso na sua aula é muito simples: basta que ele escolha uma delas, consiga a letra, reproduza-a por algum meio (em papel ou eletronicamente, usando um conjunto de slides). A facilidade de acesso a virtualmente qualquer música por meios eletrônicos e a simplicidade de o professor empregar um sistema eletrônico de execução de músicas dentro da sala de aula, muitas vezes utilizando para isso apenas um *smartphone*, torna esse um recurso cada vez mais acessível a todos. O que

² Music can be used in the adult English as a second language (ESL) classroom to create a learning environment; to build listening comprehension, speaking, reading, and writing skills; to increase vocabulary; and to expand cultural knowledge.

antes demandava conseguir uma gravação em fita ou em CD, um tocador de música e muitas vezes fazer a transcrição manual da letra é hoje uma tarefa rápida e muito simples.

Entretanto, se a enorme disponibilidade de material é uma condição facilitadora para o uso desse recurso, o mesmo não se pode dizer sobre os processos de escolha dessas obras para uso em sala de aula. Esses processos não costumam ser explicitados em manuais de ensino e passam despercebidos em aulas de didática. É como se tudo fosse óbvio – mas não é. Sem orientação sobre as potenciais dificuldades técnicas decorrentes do uso de canções com determinadas características, o professor (em especial aquele em formação) pode se ver em situações difíceis.

Nas próximas seções veremos que cada etapa da construção dessa aula depende de um conjunto de fatores e implica escolhas muito importantes para o sucesso do trabalho.

Sugerimos ao leitor que tenha interesse em conhecer melhor as canções a que nos referimos nesse artigo procurá-las na Internet, em sites especializados na publicização de vídeos. Por uma questão técnica, optamos por não disponibilizar *links* nesse texto – eles podem se tornar obsoletos e perder o sentido.

1. Música por quê?

A pergunta inicial a se fazer é: por que o professor pretende utilizar música em sua aula? Uma pesquisa em *sites* frequentemente acessados quando se trata do tema destaca a função socializadora da música, especialmente para crianças. Curiosamente, há poucos artigos que tratem de maneira mais técnica até mesmo do uso de canções no ensino de língua estrangeira. A música pode ser usada para distrair ou divertir os alunos, e às vezes é só esse o papel atribuído a ela. Mas há outras razões para que ela seja um bom material de estudo:

a. É um produto de uma cultura que utiliza a língua alvo como meio de expressão. A música pode ser uma ponte para se apresentar aspectos de uma cultura e de uma faceta da sociedade;

b. é um texto acessível ao aluno em outros contextos além do da sala de aula. Ao ouvir uma canção a que foi apresentado na sala de aula fora daquele ambiente, ele se sentirá mais confiante ao perceber que a conhece e a compreende. Isso pode ser um facilitador de interação social para ele. Além disso, quando descobre que vai estudar na sala a letra de canção conhecida, ele geralmente se entusiasma e participa ativamente daquele momento;

c. É um texto que pode ser empregado como recurso para aperfeiçoamento de habilidades de escuta, de leitura, de fala e até de escrita, conforme a técnica de apresentação escolhida pelo professor. Por ser composto de uma face verbal (a letra) e outra não-verbal (a melodia), pode ser empregado mesmo em níveis bastante iniciais de instrução. O aluno pode ser convidado apenas a ouvir, acompanhando a letra, ou a cantar, depois de apresentado à canção.

No caso específico do uso de música para ensino de português para estrangeiros, a música pode ser também importante ferramenta para apresentar os diversos ritmos musicais e os diferentes falares da lusofonia.

2. Música, sim. Mas qual?

A primeira tarefa quando se pretende levar uma canção para a sala de aula é sua escolha. Nesse momento, estabelecer critérios para a seleção é fundamental.

O primeiro critério para a escolha é de certo modo fortuito: o que o professor conhece, em termos de música? A escolha evidentemente não recairá sobre uma canção que ele nunca ouviu ou que ele detesta. Então, o leque de opções vai depender tanto da variedade de canções e de ritmos que esse professor conhece quanto da disponibilidade desse profissional para conhecer novas canções. Se ele não se dispuser a escutar músicas de diferentes períodos, de diferentes ritmos, sua seleção será feita a partir de um conjunto mais restrito. Um professor de gostos mais ecléticos, por sua vez, tem mais opções.

Disso decorre uma complicação: quem escolhe a canção é o professor – a partir do gosto pessoal de quem? Dele ou dos alunos? Essa não é que questão trivial. Um professor em início de carreira terá, provavelmente, idade razoavelmente semelhante à de seus alunos, se lida com jovens e adultos. Então há uma tendência a que eles tenham gostos coincidentes. À medida que a diferença de idade entre professor e alunos aumenta, porém, surge uma distância entre o que interessa a um e a outros em termos musicais – como em outras áreas, decerto. Como resultado disso, torna-se mais frequente a situação em que o professor escolhe uma música que não agrada aos alunos por ser considerada antiga ou mesmo ultrapassada por eles. Isso diminui o interesse pela atividade, já que esses alunos podem nunca mais ouvir a música fora da sala de aula - e isso é desejável, se o que se pretende é apresentar uma canção que possa servir como treino para além da sala de aula.

Outra dúvida também surge nessa escolha: música atual ou clássico do cancionero? A favor da música atual pesa o provável interesse do aluno mais jovem e a possibilidade maior de que ele escute aquela música fora da sala de aula.

Entretanto, o clássico tem o apelo da música executada muitas vezes, que pode até fazer parte da memória afetiva do aluno, por ele tê-la escutado antes e o fato de ela ter várias das características técnicas que discutiremos nas próximas seções, podendo ser mais eficiente para certas finalidades. E sobre ela recai o peso da escolha unânime que a faz presente em livros didáticos e em outros materiais já preparados ao longo dos anos. O professor mais antigo provavelmente vai ter um conjunto desses materiais, organizado ao longo de sua atividade profissional. Isso certamente facilita seu trabalho, já que muitas dessas atividades foram criadas e aplicadas com sucesso em outros momentos, com outras turmas de alunos. O mesmo não acontece com a música da moda, que é mais efêmera, sob o ponto de vista do professor, ainda que, sob o ponto de vista do aluno, possa ser um momento marcante daquela época, daquele ano. Como essa música é sempre uma novidade, não se tem uma informação prévia sobre seu uso como material na sala de aula. Assim, para esse trabalho, há que se fazer uma observação cuidadosa de cada aspecto da composição, de modo a que se consiga um resultado positivo quando da sua apresentação aos alunos.

3. Música para quê?

O objetivo do professor ao levar a canção para a sala de aula será um guia mais preciso que os gostos dele ou de seus alunos (ainda que esse seja um critério importante). O professor pretende apresentar a canção para o aluno ouvir? Para ler? Para cantar? Para estudar a letra? Para estudar fonética? Para estudar gramática? Todas essas são utilizações possíveis das canções. Assim, é preciso determinar qual será o foco da nossa atenção. Para cada situação, há necessidades específicas que canções diferentes podem preencher. Considerando o escopo deste artigo, não faremos referência a nenhuma canção em particular como exemplificação, até porque acreditamos que os critérios aqui apresentados podem servir de parâmetros justamente para essa escolha por parte do professor.

a. Música para ouvir

Se o propósito da apresentação é levar o aluno a conhecer ritmos musicais de uma determinada cultura, temos mais liberdade de escolha do material a ser apresentado. Se o interesse recai sobre a letra, aí há que se ter cuidado com o ritmo – músicas de ritmo muito rápido podem ser divertidas para o nativo que conhece a letra, mas certamente serão um desafio quase incontornável para o aluno.

Também é importante observar se o cantor tem uma pronúncia clara o suficiente para que o aluno a compreenda – e o aluno não consegue entender o que se canta por não entender o cantor. Pode-se nesse caso verificar se há versões da música cantadas por outra pessoa. Esse problema também limita o uso de gravações feitas ao vivo – às vezes há trechos cantados pela plateia e muitas vezes o som dos instrumentos abafa a voz do cantor. Sugerimos para isso empregar versões gravadas em estúdio. Se, por exemplo, a intenção é explorar músicas de carnaval, tais como sambas-enredo, gravações posteriores da canção feitas em estúdio são muito melhores que as gravações originais, no que diz respeito à percepção da letra pelo aluno.

Existem disponíveis na Internet tanto gravações feitas pelo cantor original, às vezes em registros precários quando a canção é muito antiga, e regravações, às vezes com arranjos diferentes, feitas por outros intérpretes. As primeiras podem ser usadas para mostrar a música em seu contexto original, se esse for o interesse. As outras podem ser usadas para ajudar o aluno a compreender a letra. A escolha entre as opções pode se dar a partir do que se pretende priorizar quando se apresenta a canção.

b. Música para cantar

Quando se pensa em levar a música para os alunos de modo a estimular a produção oral, há outros aspectos a se levar em conta, além dos que já foram apresentados nas seções anteriores.

Nem o professor nem o aluno são, em princípio, versados em canto. Pode ser que o aluno jamais tenha cantado em grupo na sua vida. Entretanto, na aula o professor às vezes exige essa habilidade dele. Para que esse não seja um momento de constrangimento do seu aluno, é prudente conhecer seus interesses antes de lhe apresentar uma canção para que ele a cante. Para cantar em público, ele vai precisar de confiança nos colegas e no professor e, provavelmente, se essa for sua primeira experiência, vai se sentir incomodado se sua performance for avaliada de alguma maneira. Assim, a escolha da música para se cantar com a turma deve obedecer a critérios bem específicos. Para começar, se o professor não conseguir cantá-la sem qualquer dificuldade, ele pode ter certeza de que seu aluno não será capaz de fazê-lo, especialmente sendo um exercício de uso de língua estrangeira.

E como fazer essa escolha? É conveniente ficar atento para a amplitude vocal exigida para se cantar a música. Notas muito agudas ou muito graves vão ser de difícil reprodução e vão desanimar o aluno.

Teixeira (2015), em um livro muito esclarecedor sobre as origens da música brasileira, explica que a música cujo canto é mais fácil é aquela em que a melodia fica mais próxima da prosódia da conversa espontânea – sem grandes variações de tom. Portanto, empregar uma canção em que o cantor passa rapidamente de notas graves para agudas e vice-versa certamente causará uma dificuldade ao aluno (e provavelmente ao professor, também), já que são muito mais difíceis de cantar. Essa condição costuma eliminar da nossa lista de canções um grupo de cantores e cantoras considerados excelentes segundo qualquer critério musical, já que a qualidade da voz deles lhes permite cantar aquilo que os não profissionais terão muita dificuldade de produzir. Exemplos não nos faltam. Djavan, um compositor muito conhecido por ter letras complexas, é também um dos cantores cuja extensão vocal dificulta a vida do aluno (e do professor). O mesmo se pode dizer de muitas composições cantadas por Gal Costa (com seus agudos impossíveis) e por cantores de timbre de voz mais grave como Renato Russo, vocalista do grupo Legião Urbana.

Nesse ponto, às vezes ficamos, como professores, em situação complicada. O aluno tem suas preferências, por ouvir a música em algum contexto, mas na sala de aula a dificuldade dela impede um bom desempenho em termos didáticos.

Um segundo ponto importante para a escolha da música é o ritmo. Músicas com ritmo muito acelerado são péssimas candidatas a material de apoio didático. O ritmo mais lento pode ser uma opção bem mais segura.

Uma experiência bastante elucidativa me aconteceu em um ano em que havia a Copa do Mundo de Futebol. Tinha alunos empolgados com a proximidade do torneio e tive a ideia de trabalhar o conteúdo de futebol empregando o que era, na ocasião, uma canção muito famosa.

Na Wikipedia encontramos uma descrição dessa canção:

“É Uma Partida de Futebol” é uma canção gravada pela banda brasileira Skank para seu terceiro álbum de estúdio, *O Samba Poconé* (1996). Ela foi composta por Nando Reis e Samuel Rosa e lançada como o terceiro single do álbum em 1997. Um dos maiores sucessos da banda mineira, a música é considerada um hino de futebol, fazendo parte do cancionário futebolístico nacional.

A letra da música retrata de forma primorosa as principais nuances de um jogo de futebol e toda a paixão do torcedor, fazendo-se uso inclusive de famosos jargões futebolísticos.³

³ Wikipedia: disponível online em https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89_uma_Partida_de_Futebol.

Apresento aqui apenas um trecho inicial da letra, que pode ser obtida sem dificuldade em meios digitais.

Oh, Bola da trave não altera o placar
Bola na área sem ninguém pra cabecear
Bola na rede pra fazer o gol
Quem não sonhou em ser um jogador de futebol?
A bandeira no estádio é um estandarte
A flâmula pendurada na parede do quarto
O distintivo na camisa do uniforme
Que coisa linda é uma partida de futebol⁴

A letra da música contém termos de futebol, tanto relacionados às regras do jogo quanto ao comportamento da torcida. A letra, embora cheia de referências específicas e em alguns casos datadas (como a palavra flâmula), não constituiu empecilho, já que eu empreguei imagens que deixavam explícito o significado do vocábulo. Pude também contar com o conhecimento prévio do esporte que a maior parte dos alunos tinha.

Entretanto quando eles ouviram a música, logo percebi que a velocidade com que a banda cantava era impossível de acompanhar. Curiosamente, essa era uma melodia conhecida previamente pelos alunos, por ser, à época, bastante frequente nos meios de comunicação e mesmo nas festas frequentadas por alguns deles. Mas a audição com atenção e a tentativa de cantar resultou em frustração. O resultado dessa audição foi um grande desconforto por parte dos alunos e o encerramento precoce de uma atividade que parecia perfeita, integrada ao contexto e relevante para a turma. Dessa aula pouco eficiente recebi a lição de ficar muito mais atenta a aspectos para os quais não dava tanta importância.

Canções que vão ser cantadas precisam ser fáceis. A melodia mais repetitiva, em um tom agradável para a maioria dos alunos vai facilitar o sucesso da empreitada. É possível também pensar que o aluno precisa cantar tudo. Os refrões, geralmente repetidos, podem ser uma boa maneira de o aluno participar sem necessariamente se sentir incompetente porque não cantou a música toda. O que, se pensarmos bem, um nativo nem sempre vai conseguir.

A escolha da canção para se cantar precisa obedecer a critérios que nem sempre vão se coadunar com o interesse do professor no que se refere à letra. Letras fáceis, sem muito conteúdo, serão mais simples para o exercício da voz. E sempre se pode ouvir a canção, sem a insistência na produção.

⁴ Fonte: Letras. Disponível online em <https://www.lettras.mus.br/skank/72339/>.

Ao se escolher uma música, o mais comum é quereremos usar a letra para observar diversos elementos linguísticos – desde vocabulário específico a expressões idiomáticas. À primeira vista pode ser que a letra tenha exatamente o que queremos mostrar aos alunos, mas uma análise prévia e cuidadosa vai evitar muitas dificuldades posteriores.

Um dos critérios de escolha da letra pode ser sua extensão. Letras longas promovem muitas oportunidades de exposição a vocabulário, mas letras curtas, geralmente repetidas várias vezes ao longo da execução da música, podem ser eficientes no que diz respeito à memorização.

Outro critério para a escolha da música quando se pretende explorar a letra é seu tema. Para tanto deve-se atentar para o fato de que aquilo que em uma cultura parece óbvio pode ser um problema em outras e o professor por vezes só se dá conta disso quando está explicando a letra para a turma.

Temos dificuldades, em especial, com letras que têm duplo sentido – um deles malicioso. Às vezes o aluno nos apresenta a música e quer entender o que se canta, já que ele a ouve em outros contextos, e a explicação pode ser bastante desconfortável para determinados alunos e constrangedora para o professor que não se preparou para isso anteriormente.

Há outro aspecto a que se deve ficar atento na escolha da canção: a sofisticação da linguagem inerente a essa produção cultural. As metáforas presentes nessas composições carregam sentidos que podem exigir, para sua compreensão, conhecimentos de mundo que o aluno não tem. Sendo estrangeiro, a possibilidade de isso acontecer aumenta, já que pressupostos de caráter cultural são difíceis para ele. O lado bom dessa característica é a oportunidade que ela representa para o professor que esteja atento a isso. Ele pode usar a música como gatilho para iniciar debates sobre temas específicos, resolvendo mal-entendidos decorrentes de diferenças culturais de uma maneira que talvez não seja possível em outras situações de ensino.

Um exemplo do cancionário tradicional do Brasil são as canções de Chico Buarque de Holanda, muitas com teor político. Se o objetivo for falar de períodos da história do Brasil, essas canções podem ser uma boa entrada para os debates.

Em turmas em que há alunos cujas culturas são mais conservadoras, por exemplo, falar sobre sentimentos já é assunto potencialmente difícil. Quando se trata de menção à sexualidade, mesmo heterossexual, a situação se torna ainda mais complicada. Por outro lado, não tratar dessas questões pode ser uma estratégia ruim. Os choques culturais comumente sofridos pelos alunos têm, muitas vezes, relação

com questões de vivência da sexualidade no Brasil. Dificuldades com a aproximação excessiva do brasileiro (em sentido físico ou metafórico), incompreensão em relação a toques no rosto, estranhamento quando se cumprimenta com beijos uma pessoa que mal se conhece são situações frequentes que podem ser objeto de discussão na sala de aula. O estímulo causado pela letra da música pode ser uma oportunidade de se trazer esses temas para a discussão, de modo relativamente controlado pelo professor (é importante lembrar que nas aulas a gente sabe como começar a discussão, mas nem sempre dá conta de prever onde ela vai nos levar).

Compreender totalmente a letra pode depender de se ter bastante informação prévia sobre o contexto em que aquela obra foi produzida. Se a turma de alunos é de um nível iniciante ou intermediário e se não tiver esse tipo de conhecimento, pode ser preferível trabalhar a letra em um nível somente e deixar o outro para um momento posterior. Em turmas de nível avançado, porém, a mesma canção pode render uma aula muito mais rica.

d. Música para observar aspectos da fonologia

Como já dissemos em seção anterior, quando se apresenta uma canção para que os alunos a cantem, isso pode ser uma ação mais despreziosa, levando-os a se divertirem, apresentando-lhes o ritmo e oferecendo a eles o conhecimento de uma produção que pode ser ouvida em outras situações sociais, o que contribuirá para que eles se sintam um pouco mais integrados à sociedade na qual estão inseridos. Mas o canto pode ter um objetivo mais específico, que é o treino de pronúncia. Para isso, alguns aspectos considerados anteriormente ficam em segundo plano, e músicas que têm letra muito curta e pouco relevante em termos de material para estudo de vocabulário ou de reflexão linguística passam a ser bastante úteis.

Uma música que pode ser explorada de muitas maneiras diferentes seria Baianidade Nagô, escrita por Evandro Rodrigues e tornada um sucesso dos Carnavais da Bahia. Aqui mostro uma possibilidade de trabalho com características fonológicas do Português.

Observemos a letra

Já pintou verão
Calor no coração
A festa vai começar
Salvador se agita
Numa só alegria
Eternos Dodô e Osmar

Na avenida Sete
Da paz eu sou tiete
Na barra o Farol a brilhar
Carnaval na Bahia
Oitava maravilha
Nunca irei te deixar, meu amor
Eu vou
Atrás do trio elétrico vou
Dançar ao negro toque do agogô
Curtindo minha baianidade nagô ô ô ô ô

Eu queria
Que essa fantasia fosse eterna
Quem sabe um dia
A Paz vence a guerra
E viver será só festejar⁵

É possível observar a grande prevalência da vogal posterior oral média alta, cuja oposição fonológica à vogal posterior oral média baixa consiste em problema para alunos de muitas origens diferentes. Os versos “Dançar ao negro toque do agogô, curtindo a minha baianidade nagô” contêm exemplos do uso e como há, na música, um alongamento da vogal no final desse segundo verso, fica muito claro para o aluno que a pronúncia aberta não vai resultar em um som compatível com o que ele ouve. Outro elemento de dificuldade no nível fonológico é o ditongo nasal -ão, que a letra nos apresenta nas palavras “verão” e “coração”. Assim, treinar o canto dessa música com atenção à pronúncia constitui exercício divertido e funcional.

Considerações finais

O cancionário nos permite fazer uma escolha acurada, com a sua variedade imensa de opções. Mas sem critérios claros, o trabalho pode ser vão e se podem ter surpresas desafiadoras. Se o professor pretende trabalhar com música, ele tem de estabelecer seu objetivo e estar atento a ele. O uso da canção em sala não precisa estar somente a serviço do preenchimento de tempo ocioso ou da ludicidade.

A canção vai ser apresentada para o aluno ouvir e treinar sua capacidade de distinguir palavras? Um exercício de completar com as palavras ouvidas é um clássico que continua eficiente. A intenção é fazer com que os alunos a cantem, sozinhos, em coro ou em grupos? É possível organizar um jogral, técnica antiga em que as partes

⁵ Fonte: Letras. Disponível online em <https://www.lettras.mus.br/banda-eva/1234315/>.

da música vão ser interpretadas por diferentes grupos. O plano é compreender a letra da música? Defina em que níveis de compreensão seus alunos estarão em condições de chegar. Quanto mais objetivos se pretende alcançar, mais rigorosos são os critérios de escolha. O seu plano é apresentar uma canção que o aluno desconhece ou aproveitar uma canção que ele já ouve fora da sala de aula? O interesse maior é nos torneios de frase que foram empregados pelo autor ou no tema que a música levanta?

São muitas perguntas. A resposta a elas determina, provavelmente, o sucesso do planejamento do professor. Mas convém alertar: as aulas de língua estrangeira sempre surpreendem. E a música é uma obra de arte – portanto guarda surpresas que a interpretação dos alunos pode revelar.

REFERÊNCIAS

LEMS, Kristen. *Using Music in the Adult ESL Classroom*. Disponível online. <https://www.ericdigests.org/2002-3/music.htm>. Acessado em 16 de fevereiro de 2024.

TEIXEIRA, Pedro Bustamante. *Do samba à bossa nova: inventando um país*. Curitiba, Appris, 2015.

É uma partida de futebol. Wikipedia: disponível online em https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89_uma_Partida_de_Futebol. Acessado em 16 de fevereiro de 2024.

ROSA, Samuel REIS, Nando. É uma partida de futebol. Disponível online em <https://www.letas.mus.br/skank/72339/>. Acessado em 16 de fevereiro de 2024.

RODRIGUES, Evandro. Baianidade Nagô. Letras. Disponível online em <https://www.letas.mus.br/banda-eva/1234315/>. Acessado em 19 de fevereiro de 2024.

Submetido: 27/03/2024

Aprovado: 28/03/2024

Publicado: 29/03/2024

